CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
Cinema Experimental Português: O Cinema dos Artistas, anos 60 e 70
Programa António Palolo 2
17 de Novembro de 2025

Formigas *ou* Sem Título / c. 1970-1971

Realização, *Produção*: António Palolo (Portugal, c. 1970-1971) *Cópia*: Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, digital, originalmente filmado em Super 8 mm, cor, mudo *Duração*: 3'09'' *Primeira apresentação na Cinemateca*.

Campo d'Ourique / 1970

Realização, *Produção*: António Palolo (Portugal, 1970) *Cópia*: Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, originalmente filmado em Super 8 mm, cor, mudo *Duração*: 3'45'' *Primeira apresentação na Cinemateca*.

Lagos / 1970

Realização, *Produção*: António Palolo (Portugal, 1970) *Cópia*: Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, digital, originalmente filmado em Super 8 mm, cor, mudo *Duração*: 3'49'' *Primeira apresentação na Cinemateca*.

Ex. Palolo / 1970

Realização, *Produção*: António Palolo (Portugal, 1970) *Cópia*: Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, digital originalmente filmado em Super 8 mm, cor, mudo *Duração*: 3'45'' *Primeira apresentação na Cinemateca*.

Os Três / 1971

Realização, *Produção*: António Palolo (Portugal, 1971) *Cópia*: Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, digital, originalmente filmado em Super 8 mm, cor, mudo *Duração*: 1'08'' *Primeira apresentação na Cinemateca*.

A. Charrua / 1971

Realização, *Produção*: António Palolo (Portugal, 1971) *Cópia*: Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, digital, originalmente filmado em Super 8 mm, cor, mudo *Duração*: 8'54'' *Primeira apresentação na Cinemateca*.

Itália / 1971

Realização, *Produção*: António Palolo (Portugal, 1971) *Cópia*: Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, digital, originalmente filmado em Super 8 mm, cor, mudo *Duração*: 2'33'' *Primeira apresentação na Cinemateca*.

Spacer / 1971

Realização, *Produção*: António Palolo (Portugal, 1971) *Cópia*: Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, digital, originalmente filmado em Super 8 mm, cor, mudo *Duração*: 7'21'' *Primeira apresentação na Cinemateca*.

duração total da projecção: 40 minutos
trabalhos de digitalização da Cinemateca em 2023 (financiamento do PRR)

filmes 1970/1971 de **António Palolo**

O ocre das *Formigas*, também conhecido por *Sem Título*, é a primeira cor do alinhamento de oito filmes, colorido dos tons vivos da pintura de António Palolo e dos movimentos dela. António Palolo, A. Palolo, ou Palolo (1946-2000), o artista plástico e pintor de Évora, cinéfilo e fazedor de filmes em película de pequeno formato e em vídeo a partir de finais dos anos 1960, era o homem que, em 71, aos vinte e cinco anos, falava do reconhecimento da sua arte como trabalho. Então como depois, a delicadeza assertiva de Palolo marca a sua imagem e a sua voz. Tal como se vê e escuta duas décadas mais tarde, por exemplo, quando o artista afirmava preocupar-se com o positivo e o negativo desde 1963, "também tem que ver com o cinema e a fotografia". Nessa época mais tardia, em que se lhe constatavam a intuição, a inteligência do coração, como elementos estruturantes da obra – uma obra artística fulcral da segunda metade do século XX português, com as suas intersecções disciplinares, avessa a categorias – notavam-se recorrências como a ideia de séries, ou a de fotograma e repetição de fotogramas.

No princípio dos anos 70, contemporâneos do alinhamento da sessão, Palolo foi filmado na Galeria 111 de Manuel Brito, em Lisboa (inaugurada em 1964 com uma exposição de Joaquim Bravo), onde em 1971 realizou "a sétima individual" (a primeira havia tido lugar no mesmo espaço em 1968), documentada pela RTP numa emissão "Artes e Cultura" (disponível na RTP Arquivos). Catorze quadros (diz o *off* da RTP), que o próprio Palolo filmou em *Ex Palolo*, o terceiro título deste programa, nas contrastantes cores que faziam vibrar as paredes da 111 ao Campo Grande. É a preto-e-branco, na entrevista dada à RTP, que o artista fala do *trabalho*. "Comecei a pintar e nunca mais larguei a pintura", depois dos princípios na escola, em Évora, onde cresceu sob a influência de uma importante exposição aí realizada em 1958 (a "Missão Internacional de Arte", também conhecida por "Missão Estética"), habitando um círculo de afinidades com Joaquim Bravo e Álvaro Lapa, e ainda António Charrua e António Areal, um "círculo de Évora" em fase com a cena artística internacional e as suas constantes interrogações. Costuma dizer-se que no princípio, Palolo vagueava pelo informalismo, a abstracção formal, a *pop art*, que avançou no caminho da Arte *Pop* ao abandonar a figuração e que, nos anos 1970, a sua pintura foi lugar de explosões de cor e figuras geométricas, operando uma singular reinterpretação da *pop* e da arte minimal, trilhando a duplicação da imagem, o movimento, riscos, linhas, sinais de transito, retrovisores… Em 1971, dizia, "A minha pintura é uma pintura de vanguarda que se faz hoje em todo o lado."

Era "o pensamento a correr (sobre os trabalhos)" (Maria Helena Freitas). Era a tentativa de "pintar a mudança". "Foi o Palolo que me ensinou o sentir do meu olhar", escreveu João Miguel Fernandes Jorge que Jorge Silva Melo cita no seu primeiro retrato filmado, *A. Palolo: Ver o Pensamento a Correr* (1995, editado em DVD pela Midas Filmes), realizado a convite da Gulbenkian por altura da exposição antológica no CAM comissariada por Freitas. É nesse belo filme – tão belo que iniciou toda uma série de retratos filmados de artistas por Jorge Silva Melo que neles fez o seu, o deles, o retrato de uma geração – que no papel de realizador, Jorge Silva Melo põe uma das suas câmaras vídeo nas mãos de Palolo pedindo-lhe que filme o quadro *Duas Cabeças* num plano, ou numa cena, que reúne pintura e cinema, retratista e retratado, ampliando sentidos. O que tão bem fica ao fulcro da transdisciplinaridade de Palolo. Foi sobretudo entre finais dos anos 1960 e os 80 que apresentou instalações (quatro na Galeria Quadrum, 1979-81), participou no mural de celebração do 25 de Abril de 1974, em Belém, deu o seu contributo ao espaço público em obras como a Piscina Municipal de Évora e o Metropolitano de Lisboa, instalações de concertos e capas de discos, para o grupo Telectu (1983-1989). Da construção da sua original linguagem, com as naturais ligações à obra plástica, participam os filmes (em 8 e Super 8 mm) e vídeos, mais "acabados", como, entre os primeiros, *Lines* (1970, mostrado noutra sessão) ou *Drawings* (1971, idem), *Formigas* ou *Spacer* (que abrem e fecham este alinhamento), ou mais "soltos" ou "amadores" de coisas amadas, de que são exemplo, pode dizer-se, os restantes.

Em círculo – forma cara a Palolo – voltamos ao princípio. Ao ocre. *Formigas* é um dos seus mais conhecidos títulos – uma vista de cima, um volume circular sobre superfície plana, com a sombra que duplica a primeira forma, fixa o trabalho laborioso de uma colónia de formigas a mover-se na substância movediça do açúcar. Ao primeiro plano sucedem dois outros, mais fechados sobre o motivo, numa sequência descontinua que mima um movimento *zoom*, e depois mais oito, nove que, variando a escala, progridem no sentido da abstracção:

ultrapassados, por proximidade, os limites do recipiente visto ao começo, a imagem é tanto a das formigas como pontos escuros moventes de qualquer astro longínquo como a de silhuetas recortadas sobre o fundo branco de um continente terrestre, ou o da superfície lunar, tocada poucos anos antes por humanos astronautas. Num destes planos há um efectivo movimento *zoom*, não *out*, mas *in*. O final desta pequena cosmogonia é a branco.

As linhas azuis de *Campo d'Ourique* parecem fazer *raccord* com um dos mais fabulosos filmes de Palolo, o sensorial *Drawings* (1971, programado noutra sessão), feito de desenhos e luz riscados directamente e atravessando a película, na tradição vanguardista de Len Lye e Stan Brakhage. Esta mais terrena vista urbana compõe-se de linhas, pontos de fuga, correndo da abertura de um estore, a azul com frinchas de luz. Uma janela, um varandim com plantas, localizam a perspectiva fixando a rua, onde dois rapazes brincam e bulham, percorrendo um caminho que a câmara consegue acompanhar de cima, do outro lado da rua, entre as linhas verticais da arquitectura da sua morada. Há vento, que agita as folhas das plantas domésticas, a câmara adopta uma posição oblíqua para seguir o movimento de uma outra transeunte. A vista muda a seguir, mostrando os telhados do mercado (nos quais caminha um dos rapazes da cena anterior?) e uma lateral da fachada da Igreja de Santo Condestável, e depois um cruzamento com obras e polícia, antes do regresso à janela fronteira à planta batida pelo vento com vista para a porta e o passeio vizinhos, agora mais nublados pela chuva. É um filme de bairro, com linhas, cor, acção, pontos de fuga.

As imagens marinhas de *Lagos*, vagueiam por um ancoradouro de barcos de pesca, moventes umas como outros numa paisagem invernia. Aproximando-se, distanciando-se, percorrendo embarcações e pescadores, a câmara procura e perscruta os motivos que são de faina e em que há cor (a das embarcações), imprimindo o ritmo de uma curiosa irrequietude. *Raccord*, no alinhamento, com o aludido filme da exposição na 111 – *Ex Paololo*, e de novo os movimentos de câmara curiosos. Agora na direcção das pinturas expostas, as suas formas, cores, pormenores e vistas gerais, o que permite ter uma ideia da sua apresentação naquele espaço e, certamente, do olhar do próprio pintor sobre os seus trabalhos naquele contexto expositivo. *Os Três* – título seguinte – cruza imagens, foco e luz, uma peça com bolas de sabão evanescentes como cristais e o mar, as nuvens, fundidos no mesmo tom marinho.

A. Charrua apresenta-nos um sorridente António Charrua (1925-2008), que como Palolo, e outros artistas, se entusiasmou, em Évora, com a exposição de pintura "Missão Estética", organizada na cidade alentejana com o apoio da Gulbenkian na passagem das décadas de 1950 e 60. De uma geração mais velha, Charrua foi então uma referência para os mais jovens Bravo e Palolo no seio desse "Grupo de Évora". A cumplicidade presente em *A. Charrua* devolve a intimidade do espaço em que é filmado, dos gestos que capta, das pessoas que o habitam. É um "filme de família", um "filme de amigo", um "filme de amigos", com obras de arte, visitantes, cor, linhas, formas geométricas, uma casa-oficina-galeria, sorrisos. Uma imagem de afinidades electivas e cumplicidades humanas. Que se prolonga em *Itália*, onde, em Veneza (?), numa praça apinhada turistas e religiosas convivem, entre praças, escadarias, esplanadas. Ni caso, um filme de viagem, um amador *travelogue*.

Spacer – *separador*, *distanciador* – remata a sessão em grande. Neste filme, caleidoscópio de cores e formas, atravessadas pela luz e pela substância vaporosa do reflexo. A superfície oscilante da água é o primeiro chão do filme, iluminado pelas primeiras cintilações, azuis, que chamam um vermelho mais borbulhante logo depois, e um verde, mostrando ainda a água como elemento para a rarefacção da luz. Espuma marinha ou bolas de sabão caseiras, as bolhas de gás ou formadas à superfície dos líquidos transfiguram-se, nos planos mais ou menos aproximados, em formas cristalinas mais abstractas sobrepondo-se, ou chamando, outras que lembram vidro (copos invertidos, por exemplo) ou espelhos, fazendo girar uma pequena criação do mundo.

Maria João Madeira